

maior risco de complicações neste grupo de pacientes. A taxa de mortalidade da COVID-19 varia de 2-4%, mas para pacientes com câncer esta taxa pode ser ainda mais alta. Estudo multicêntrico em Canadá, Estados Unidos e Espanha encontrou taxa de mortalidade de 13% para pacientes oncológicos, neste estudo encontramos uma mortalidade mais alta, no entanto a população estudada constituía de pacientes com doença oncológica ativa o que pode estar associado a maior risco de óbito. A maioria dos pacientes foram diagnosticados durante a internação hospitalar motivada por outras causas, uma grande discussão durante a pandemia foi a continuidade ou não do tratamento oncológico e o risco de adquirir a doença, bem como a potencial gravidade da sua apresentação nos pacientes em quimioterapia, no entanto, nesse aspecto individualização desta decisão baseada em cada caso foi o caminho escolhido pela maioria dos centros de tratamento. **Conclusão:** Diante do cenário de doença desconhecida avaliar aspectos clínicos das populações pode nortear medidas diferenciadas para tratamento e prevenção. Os dados apontam para o alto risco de morte em pacientes onco-hematológicos em quimioterapia e o risco de contaminação do ambiente hospitalar. É necessário elaborar estratégias para minimizar este risco, acreditamos que além das medidas habituais adotadas, estratégias de coorte hospitalar e testes para diagnóstico precoce em profissionais das unidades de tratamento oncológico e nos pacientes previamente as internações hospitalares possam ser justificadas dado o risco benefício.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.890>

889

COVID-19: RISCOS DA AUTO-HEMOTERAPIA

D.S. Amorim^a, F.L.O. Lima^b, E.A.S. Costa^a

^a *Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil*

^b *Faculdade Nobre de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil*

Introdução: Consta-se na escassa literatura existente que a auto-hemoterapia foi introduzida em 1910 por Ravaut, como tentativa terapêutica, desde então, tem sido utilizada como método de tratamento de diversos problemas de saúde, tanto em humanos quanto em animais. Apoiar-se na comparação do procedimento à aplicação de uma vacina autógena, estimulando a resposta imune do organismo diante de uma série de problemas, infecciosos ou não, cuja explicação se baseia no raciocínio do foco de infecção. A auto-hemoterapia se dá, a partir da retirada de uma determinada alíquota sanguínea do paciente, com o intuito de injetar a amostra no organismo do mesmo paciente o qual foi coletado. Para os casos de COVID-19, o mesmo tem sido feito, na perspectiva de aumentar a imunidade ou corroborar para a cura, porém a prática não é reconhecida como procedimento terapêutico pela Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH), isso porque faltam evidências científicas que comprovem, por meio de estudos clínicos, sua eficácia e segurança. Tampouco existem informações a respeito de posologia, mecanismos de ação, interações, reações adversas. **Objetivo:** Analisar criticamente o uso da técnica de

auto-hemoterapia, como terapêutica para o COVID-19, evidenciando assim, seus agravos e riscos à saúde. **Material e métodos:** Foi realizada uma revisão da literatura do tipo descritiva, mediante utilização de informações publicadas no ano de 2020, nas plataformas digitais da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH). **Resultados e discussão:** A atual situação de emergência na saúde pública e a limitação de informações acerca de fármacos e prognóstico para a COVID-19, tem levado pacientes a recorrer a alternativas terapêuticas sem comprovação científica para o tratamento da COVID-19, como a auto-hemoterapia. A mesma, é uma prática não reconhecida pelas autoridades da área da saúde, pois além dos riscos de contaminação das pessoas envolvidas e da transmissão de doenças infecciosas devido à manipulação inadequada do sangue, a prática pode piorar o quadro de saúde do paciente, deixando-o ainda mais vulnerável, uma vez que essa promessa de cura estimula o abandono de tratamentos convencionais ou impossibilita o acesso a recursos terapêuticos mais eficazes. Tudo isso ainda é agravado pela falta de conhecimento sobre o comportamento do SARS-CoV-2 e sua transmissibilidade pelo sangue. **Conclusão:** Conclui-se que a auto-hemoterapia é uma prática com ausência de confiabilidade, sendo adotada por leigos e desaconselhada por não apresentar nenhum benefício comprovado, além de expor os envolvidos a inúmeros riscos à saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.891>

890

D-DÍMERO ELEVADO EM PACIENTES COM COVID-19: RELATO DE UMA SEGUIMENTO CLÍNICO E LABORATORIAL EM 6 CASOS CONFIRMADOS

M.E.G. Rocha^a, V.M. Chagas^a, L.G. Carvalho^a, V.R.S. Junior^a, A.Q.M.S. Aroucha^b, M.C.B. Correia^a, M.F.H. Costa^{a,b}

^a *Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil*

^b *Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), Recife, PE, Brasil*

A pandemia de COVID-19 trouxe manifestações clínicas e laboratoriais inusitadas de um quadro viral até então desconhecido. Uma dessas manifestações clínicas relacionadas a uma determinada alteração laboratorial são os eventos de trombose e elevação do D-dímero que vem sendo alvo de investigação científica a fim de melhorar o entendimento, bem como o tratamento e manejo clínico desses pacientes. Relatam-se seis casos de pacientes com infecção confirmada, através de *swab* de orofaringe, de COVID-19 e elevação do D-dímero. Três pacientes do sexo masculino (78a, 79a e 86a) e três pacientes do sexo feminino (63a, 64a e 79a) foram acompanhados. Em relação às comorbidades, apenas dois pacientes possuíam hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus. Durante a evolução clínica, todos os seis pacientes foram admitidos em serviços hospitalares, apresentaram necessidade suplementar de oxigênio terapia, porém não foram